

As mulheres negras na ciência: o percurso de uma professora da área de química na UFSCar

Black women in science: the path of a chemistry teacher at UFSCar

Beatriz Lisboa Pereira

Universidade Federal de São Carlos
beatrizlisboa@estudante.ufscar.br

Isabela Custódio Talora Bozzini

Universidade Federal de São Carlos
ictbozzini@ufscar.br

Resumo: Essa pesquisa realizou um levantamento de dados sobre o número de professoras-pesquisadoras negras que possuem formação inicial na área de Química e atuam na Universidade Federal de São Carlos como docentes. Pretendia-se compreender os desafios e superações vivenciados por essas profissionais ao longo da carreira, relacionando esses aspectos às questões raciais e de gênero no ensino superior brasileiro. Após a primeira fase da pesquisa, constatamos que na UFSCar, na área de Química, temos 62% de homens. Além disso, 93,02% são brancos, seguidos pelos amarelos com 2,3%; negros, outras etnias e docentes que não se autodeclaram, representam cada um 0,8%. Ou seja, há grande falta de representatividade de mulheres negras na área de química, pois apenas uma professora em toda a UFSCar foi encontrada a partir desses dois critérios. Foi realizada uma entrevista semi estruturada com a professora encontrada com perguntas elaboradas a partir do referencial teórico. Na entrevista ficou evidente o percurso de discriminação vivido pela professora ao longo de todo seu período escolar, bem como as superações necessárias para atuar na profissão em que escolheu. O papel da família e de professores da professora foram determinantes para que ela não desistisse de seus sonhos.

Palavras-chaves: mulheres negras na ciência; pesquisadoras na área de química; educação antirracista e feminista.

Abstract:

This research conducted a survey of data on the number of black female professor-researchers who have initial training in chemistry and work at the Federal University of São Carlos as professors. The aim was to understand the challenges and achievements experienced by these professionals throughout their careers, relating these aspects to racial and gender issues in Brazilian higher education. After the first phase of the research, we found that at UFSCar, in the area of Chemistry, we have 62% men. Besides this, 93.02% are white, followed by the yellow ones with 2.3%; blacks, other ethnic groups and professors who do not declare themselves, each represent 0.8%. In other words, there is a great lack of representation of black women in the area of chemistry, as only one professor in the entire UFSCar was found from these two criteria. A semi-structured interview was carried out with the professor who was found, with questions based on the theoretical framework. In the interview, it became evident the discrimination experienced by the teacher throughout her schooling period, as well as the overcoming of discrimination necessary to work in her chosen profession. The role of the teacher's family and teachers were crucial for her not to give up on her dreams.

Keywords: Black women in science; women researchers in chemistry; anti-racist and feminist education.

Recebido em: 05/05/2021

Aceito em: 13/10/2021

Introdução

Historicamente, na maioria das produções intelectuais, a participação e a visibilidade são majoritariamente masculinas, os grandes nomes na história da humanidade e das áreas específicas de conhecimento apresentadas são homens. A ciência, até o início do século XX, era considerada imprópria para mulheres e na segunda metade do mesmo século, ainda existiam divisões de trabalho para homens e mulheres. Nos dias atuais, ainda há uma grande diferença na participação masculina e feminina no meio científico (CHASSOT, 2004).

Davis (2016) apresenta que antes da era pré-industrial, nos Estados Unidos, a economia centrava-se na casa em terras cultiváveis ao seu redor, com isso a mulher tinha um papel produtivo e econômico, apesar de ainda exclusivamente doméstico, como a manufatura, que lhe trazia prestígio. Com a revolução industrial, a produção manufatureira se mudou para as fábricas, com isso a ideologia da feminilidade ideal passou a ser a de esposa e mãe. Por consequência da perda de seu papel produtivo, a autora relata que, as mulheres brancas de classe média e alta, na era pré Guerra Civil estadunidense, apresentaram interesse no movimento abolicionista. Essas mulheres se tornaram ativistas e organizavam campanhas anti escravagistas, mas na tomada de decisões eram deixadas de lado, não tinham direito a voto e nem de fala em assembleias. Percebendo que não podiam ter a participação que desejavam, as mulheres começaram a questionar seu papel no movimento e na sociedade. A partir de então, a luta pelo direito das mulheres se intensificou e culminou no movimento sufragista que lutava pelo direito de voto às mulheres (DAVIS, 2016).

Porém, enquanto mulheres brancas lutavam pelos seus direitos de fala, voto e participação em decisões populares, as mulheres negras juntamente com os homens negros lutavam pelo fim da escravidão. Mesmo após o fim da escravidão, mulheres negras ainda viviam em situações de trabalho escravo, mesmo que assalariadas (DAVIS, 2016).

Para hooks (2019), a luta das feministas brancas nos EUA não levou em conta os problemas enfrentados por mulheres negras e pobres, já que o feminismo se desenvolveu na classe média e entre mulheres com acesso à educação superior. Nesse sentido, as pautas desse movimento traziam questões voltadas ao direito de trabalhar fora de casa, sem pensar que quem ficaria responsável pelos cuidados da casa e dos seus filhos seriam outras mulheres negras e pobres com poucos direitos trabalhistas.

No Brasil, a situação não foi tão diferente, enquanto escrava, a mulher negra trabalhava na casa grande, no campo, nos engenhos além de ser “mãe em potencial” de novos escravos e após a abolição os trabalhos realizados eram em grande parte de mucamas ou trabalhadoras de eito. Nos dias atuais, ainda vemos mulheres negras desempenhando papéis que lhe foram dados na época da escravidão, ocupando espaços domésticos e rurais (SANTOS; CANUTO, 2017). Isso porque após o fim legal da escravidão, não houve qualquer amparo governamental para que as pessoas negras pudessem se estabelecer enquanto cidadãs com direitos básicos. Dessa forma o racismo se manteve forte, agindo por diversos meios como na educação. Assim, a população negra o acesso à educação escolar só foi possível há 150 anos e este atraso é refletido nos dias atuais, já que este fato se reflete também nas dificuldades para se inserir no meio científico.

Ao observarmos que a população negra tem menos acesso à educação do que a população branca brasileira e que, na questão de gênero, as mulheres são minoria no âmbito científico, partimos do pressuposto que mulheres negras, por sofrerem socialmente duas opressões, a racial e a de gênero, possuem menos oportunidades. Nesse sentido, nos interessou saber, nesta pesquisa, se existe uma menor representação de professoras-pesquisadoras negras na área de ciências exatas, mais especificamente na área de química e de quanto seria. Além disso, nos interessou saber se as professoras reconhecem ou identificam influências das questões de gênero e étnico-raciais em suas trajetórias acadêmicas e de que tipo.

Neste contexto, esta pesquisa teve como objetivo geral:

Levantar o número de mulheres negras que atuam como professoras-pesquisadoras, cuja formação inicial seja Química, na Universidade Federal de São Carlos nos quatro campi existentes (São Carlos, Sorocaba, Araras e Lagoa do Sino) e quais desafios encontraram para chegar a esta profissão.

São objetivos específicos:

- a) evidenciar a quantidade de mulheres negras atuantes como professoras-pesquisadoras em relação ao número de docentes desta mesma área.
- b) buscar compreender se a trajetória profissional dessas mulheres é marcada por preconceitos, violências e outros desafios, bem como a superação dos mesmos.

Fundamentação Teórica

Flecha & Puigvert (2007) expõem que nas sociedades atuais existem dois tipos de racismo, o moderno e o pós-moderno, e que ambos se complementam e se auxiliam. O

racismo moderno, que teve seu ápice entre o início do século XIX e mais da metade do século XX, defende o conceito de raça e afirma que existe uma diferença natural entre elas, como por exemplo que brancos são superiores e mais inteligentes que os negros. E assim, devido a essas diferenças, a relação entre ambas deve ser de subordinação, de modo que raças consideradas inferiores devem ser subordinadas às raças consideradas superiores. Já o racismo pós moderno se baseia em etnia/cultura e território, de modo que não há a crença da existência de uma raça superior ou inferior, e sim que etnias e culturas são apenas diferentes, mas que por existir essas diferenças é impossível educá-las conjuntamente, por isso seria melhor que não houvessem relações multiculturais (FLECHA; PUIGVERT, 2007).

Essas ideologias raciais são utilizadas pelo capitalismo para que haja a manutenção e fortificação do sistema nas sociedades atuais. Para conseguir manter o processo de acumulação de capital existente no sistema capitalista é necessário a existência de uma superpopulação relativa que constituirá no exército industrial de reserva dos capitais industriais, que a autora Lélia Gonzalez (2020) denomina como marginalidade funcional. Porém, para a autora, na sociedade brasileira uma parte dessa superpopulação se torna supérflua e acaba se tornando uma massa marginal, sem uso e função para os capitais industriais. O racismo dentro da sociedade capitalista manipula, por meio de ideologias, para que os constituintes dessa massa marginal seja a população negra e as mulheres do país, recaindo sobre eles as atividades de baixa remuneração, subempregos e desemprego.

Hooks (2013) acredita que é necessário um ensino pensado numa perspectiva decolonial, crítica e feminista que se dá por meio de reflexões junto aos grupos sociais marginalizados e do questionamento da narrativa eurocêntrica, promovendo o diálogo e fazendo da sala de aula um ambiente democrático, com o objetivo central de uma educação transformadora. A autora tem uma forte inspiração na obra e pensamento de Paulo Freire quanto à educação como prática de liberdade, acredita que os alunos não devem ser agentes passivos e sim ativos e que todos devem deter o conhecimento. Deve haver o desejo de aprender e que este deve estar relacionado à experiência global de vida. Para isso, os professores não devem querer que somente os alunos se abram e compartilhem, eles devem fazer o mesmo. Assim, é clara a importância dos professores em conjunto dos alunos para atuarem de forma criativa e crítica, buscando por meio da educação resistência, ampliação de direitos e mudanças sociais (hooks, 2013).

Para hooks (2019), a luta das feministas brancas nos EUA não levou em conta os problemas enfrentados por mulheres negras e pobres, já que o feminismo se desenvolveu na

classe média e entre mulheres com acesso à educação superior. Nesse sentido, as pautas desse movimento traziam questões voltadas ao direito de trabalhar fora de casa, sem pensar que quem ficaria responsável pelos cuidados da casa e dos seus filhos seriam outras mulheres negras e pobres com poucos direitos trabalhistas.

Apesar de certas distorções em relação ao movimento feminista encontradas na ideia de que o sexismo pode ser uma forma de opressão mais ameaçadora que outras formas como o classismo e o racismo, hooks (2019) entende a força da teoria feminista como possibilidade de superação das formas de opressão.

Significativamente, a luta pelo fim da opressão sexista, cujo objetivo é destruir o fundamento cultural deste domínio, reforça as outras lutas pela libertação. Os indivíduos que lutam pela erradicação do sexismo, mas não apoiam a luta pelo fim do racismo ou do classismo prejudicam os seus próprios esforços. Os indivíduos que lutam pela erradicação do racismo ou do classismo, mas que, ao mesmo tempo, apoiam a opressão sexista ajudam a conservar o fundamento cultural de todas as formas de opressão grupal. Embora possam iniciar reformas que venham a ter sucesso, os seus esforços não conduzirão a mudanças revolucionárias. A sua relação ambígua para com a opressão em geral é uma contradição que deve ser resolvida, caso contrário continuará diariamente a prejudicar o trabalho radical que tem sido realizado. (hooks, 2019, p.31-32)

Não se trata de hierarquizar as lutas necessárias para a transformação da sociedade em um lugar menos desigual e violento e sim de unirmos esforços para alcançar as transformações necessárias e vivermos em um mundo melhor.

Metodologia

A pesquisa foi dividida em duas etapas: pesquisa documental e entrevista semiestruturada. A pesquisa documental constituiu em um levantamento quantitativo de gênero e raça entre os professores/pesquisadores formados em química que atuam na UFSCar. A Plataforma Lattes foi a principal fonte utilizada na pesquisa, onde foram recolhidos os dados de formação acadêmica, gênero e raça, em alguns casos foi usada a página de docentes dos sites oficiais dos departamentos da Universidade. Apenas uma professora negra formada em química foi encontrada na UFSCar, após pesquisarmos os quatro campi.

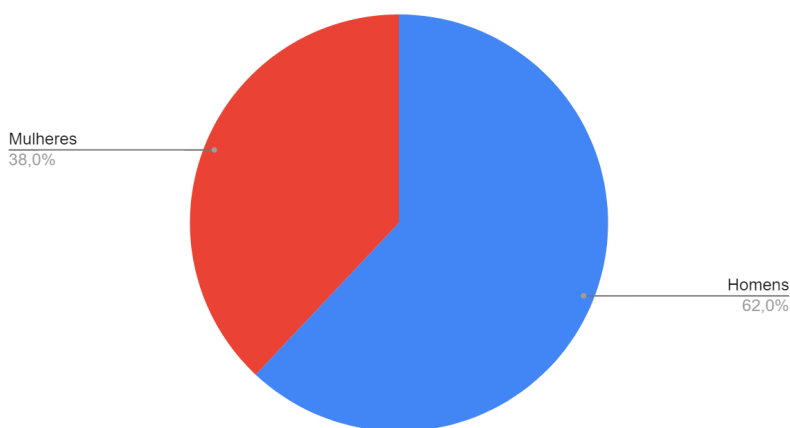
A última etapa foi uma entrevista semiestruturada com a professora/pesquisadora negra formada em química encontrada durante o levantamento. As perguntas foram previamente estabelecidas, pensadas a partir do referencial teórico, nelas buscava-se descobrir e entender se e como o racismo e o machismo estiveram presentes em sua trajetória acadêmica e quais foram suas influências.

Resultados e Discussão

O levantamento documental de raça/etnia e gênero dos professores/pesquisadores formados em química foi feito por departamento e foram verificados todos os departamentos dos quatro campi da UFSCar, no entanto apresentamos abaixo os dados da UFSCar em sua totalidade.

Ao juntar todos os dados obtidos por campus, observamos uma maioria masculina na área de química, no total de 129 docentes, 80 são homens (62%) e 49 são mulheres (38%), sendo que os campi mais antigos e com maior número de docentes de química são os que possuem mais professores homens.

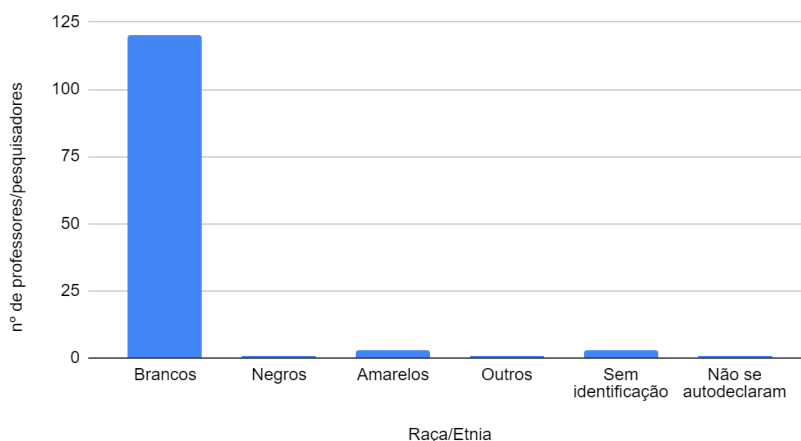
Professores da UFSCar formados em química



Fonte: Elaborado pelas autoras

Quanto à raça e etnia, fica mais evidente a desigualdade racial presente na Universidade, são 120 docentes brancos com graduação em química, 3 docentes amarelos e 1 negro.

Professores da UFSCar formados em química por raça



Fonte: Elaborado pelas autoras

A categoria “sem identificação” são de docentes que não possuíam fotos tanto na página de docentes do site de seus respectivos departamentos quanto no Lattes e não retornaram os e-mails enviados a eles onde foi pedida uma autodeclaração.

A Universidade Federal de São Carlos possui os quatro campi localizados no estado de São Paulo e segundo a Fundação SEADE (SEADE, 2020), a população por sexo do estado em 2020 é de 48,7% de mulheres e 51,3% de homens. No Censo Demográfico de 2010 feito pelo IBGE (IBGE, 2010), 63,9% da população paulista se declara como branca, 34,6% como pardos ou pretos, 1,4% como amarelos e 0,1% como indígenas. Ou seja, as porcentagens, tanto de gênero quanto de raça, dos docentes formados em química que atuam na UFSCar não são proporcionais à população do estado em que a Universidade se localiza, fazendo com que este corpo docente, masculino e majoritariamente branco, não seja representativo.

Gonzalez (2020), ao explicar como o capitalismo e racismo se relacionam e se auxiliam na sociedade brasileira, reforça que a massa marginal resultante do sistema capitalista recai, numa sociedade racista e machista, na população feminina e negra. Fazendo com que esses grupos não consigam ter acesso a espaços não marginais. Para que esta separação ocorra com sucesso e facilidade é necessário a existência de ideologias racistas (GONZALEZ, 2020), como o racismo pós moderno que tem como base a existência de territórios para separação de grupos pela crença de que não é possível que haja harmonia na multiculturalidade (FLECHA; PUIGVERT, 2008). Assim, as Universidades se tornam territórios em que a massa marginal não consegue ter acesso, fazendo com que aqueles que foram inseridos dentro da marginalidade não consigam sair e consequentemente se mentem como grupo base para a existência do capitalismo.

A entrevista

Conforme dito anteriormente, a entrevista com a professora foi semiestruturada e dividida em três tópicos, ensino básico, graduação e vida profissional. As questões, pensadas com base no referencial teórico, buscavam compreender como o racismo e o machismo impactaram em sua trajetória e as possibilidades de superação.

Ao tratar do seu ensino básico, buscando entender como o racismo moderno se apresenta na educação, foi-lhe perguntado se ela sentia que duvidavam da sua capacidade intelectual ou se não acreditavam no seu potencial acadêmico. A professora trouxe a seguinte situação que a marcou:

“Alguns professores [que duvidavam]. Alguns, mas foram poucos. Não foram muitos, assim que eu lembro a primeira vez que eu senti essa dúvida foi na terceira série. [...] Eu

sempre fui a primeira da turma em todas as séries que eu estudei, desde o ensino fundamental até chegar no médio e me formar[...] Lá na quinta série a professora falou que ia dar ponto extra pra quem declamasse o hino nacional [...] e aí eu lembro que foram quatro pessoas na minha frente, que vieram de outra escola, uma escola melhor que a minha na cidade e eles erraram em algum lugar [...] e eu fui a quinta do dia e acertei inteiro. Ai ela [a professora] ficou olhando. E obviamente não tinha como a gente colar porque a gente ia lá na frente recitar pra ela, olhando né? E ela ficou olhando “de onde você veio?” “ah, vim de escola tal” “como assim você é de escola tal e você acertou o hino?”. [...] E eu tava nessa turma e era de 10 pra 11 anos e por causa desse hino ela virou e falou assim pra mim “Você sabe que você tá na turma errada. Você é repetente, era pra você tá na turma H, quantos anos você tem?” “Eu tenho 10” “Não, você não tem 10 não”. [...] Ela chamou a diretora! A diretora mostrou pra ela “Ela é dessa turma mesmo, tá certinho”. E no fim do ano ela engoliu que eu já passei no terceiro semestre e todo mundo meio que pendurado.”

Flecha & Puigvert (2007) apontam que a concepção de raça do racismo moderno, este que afirma que existem desigualdades naturais entre as raças, como de força, inteligência, capacidade e etc, ainda tem fortes raízes na cultura ocidental que educa nossas crianças. Essa concepção de raça vem sempre acompanhada da concepção de subordinação, a partir da qual se acredita que essas raças “inferiores” devem se tornar subordinadas às raças “superiores”, sendo uma das formas mais comuns a utilização de raças “inferiores” como mão de obra barata. A professora conta um episódio durante a sua infância que retrata a concepção de subordinação apresentada pelos autores:

“Na quarta série nessa escola antiga, o Rotary Club premiava os alunos que eram os melhores da quarta série. Acho que tinha 3 quartas séries na minha escola e premiavam o aluno de cada quarta série e premiavam o aluno que era o melhor de todas as quartas série nessa escola. Minha mãe, ela era faxineira da diretora da escola, então ela ia na casa da diretora da escola fazia faxina uma ou duas vezes na semana. [...] me arrumei fui pra escola e ganhei a medalha da quarta série e ganhei a medalha de todas as quartas séries. Na volta minha mãe tava fazendo faxina na casa da diretora, a diretora falou “vamo até lá, que sua mãe tá lá e vocês voltam com ela” [...] A gente chegou lá na casa dela, minha mãe veio pegar a gente e já íamos saindo. Ela [a diretora] virou pra minha mãe e falou assim “Ah, acabou a quarta série da sua filha, né? Agora já vai pra quinta” e minha mãe “Vai, vai estudar sim” e ela “Tava pensando, ela já é grande, ela já podia vir te ajudar a fazer a faxina”. A diretora da escola! [...] Eu acho que é isso, quando a pessoa te rebaixa, porque isso foi um rebaixamento se você for ver, ela te põe como inferior.”

Na graduação, a professora conta que havia outras mulheres negras, mas sua turma ainda era de uma maioria branca com condições financeiras melhores que as dela. Na questão de gênero a sala era bem dividida, porém a professora conta que lidou mais com machismo do que com racismo:

“Na Universidade eu senti mais machismo do que racismo, bem mais. [...] Eram coisas como “Mas você faz química? Mas química tem muita matemática e mulher não é boa em matemática”. [...] Eu sinto racismo fora da Universidade, hoje nos lugares que frequento, mas machismo eu sinto mais na Universidade. [...] Principalmente na minha época, há vinte anos, que era muito menos discutido que é hoje, era tipo “Eu não sou boa em matemática, por que a mente da mulher não vai bem pra cálculo” A própria mulher se colocava nisso.”

Pelas falas da professora, observa-se que o machismo não se dava apenas por falas dos alunos homens, mas as alunas acreditavam e reforçavam que o fato de elas serem mulheres influenciava diretamente no seu sucesso acadêmico na área de exatas. Tal ideia vem dos estereótipos sociais que acredita que homens e mulheres têm aptidões diferentes para determinadas carreiras, como a Matemática. Nas escolas, os professores observam que os meninos e as meninas até 12 anos possuem aptidões semelhantes para cálculo, mas esses estereótipos parecem afetar as meninas fazendo com elas se sintam desestimuladas a seguir a área das Ciências Exatas (CUNHA *et. al*, 2014).

Mas apesar dos preconceitos que lidou durante sua trajetória escolar e acadêmica, a professora relata também que recebeu muito apoio de seus familiares e professores que a incentivaram desde cedo a estudar e seguir uma carreira acadêmica. Em sua entrada para a graduação a professora conta:

“Não tava na minha cabeça fazer química, mas fomos para Viçosa, as professoras do cursinho que eu fazia levaram a gente e eu não tinha dinheiro pra ir, pra pagar a van, a comida e aí eu não ia. Não ia fazer a inscrição de Viçosa. Duas professoras, a minha de português e minha de biologia falaram “Você vai sim, a gente estuda lá” faziam mestrado e falaram que lá tinha o alojamento “Você pode morar lá dentro, a biblioteca fica 24 horas aberta, livros você pode pegar, tem muitos livros, então você não vai ter problema de comprar livros e dormir e você ainda consegue alimentação de graça, ou seja, você vai ter tudo pago, em Viçosa você consegue” [...] Então já sabiam que eu não tinha dinheiro pra van e pra comida e elas pagaram a van, a minha comida e a minha inscrição do vestibular. [...] e eu falando com essas duas professoras, uma chamava Rosana e...esqueci a de português, mas ela é uma gracinha e eu “Ai o que eu faço?” e a Rosana “Vai fazer biologia!” e a outra “Não, vai fazer português” e eu disse “Eu vou falar o que gosto: biologia, matemática,

história e química, tô entre esses quatro” e brincando a Rosana falou “Você vai fazer biologia” e respondi “Vou fazer uni duni tê” “Você tá falando sério?” “Tô falando sério” e eu fiz e caiu na química e eu escolhi química [risada].”

A relação da professora enquanto estudante com suas professoras do curso pré-vestibular foi essencial para que ela iniciasse sua vida acadêmica, isso porque tanto aluna quanto professoras pareciam possuir uma relação horizontal, onde as professoras se abriram, levaram suas vivências e conhecimentos de vida para poder mostrar as possibilidades à aluna que acreditava não possuí-las. Na pedagogia engajada de hooks (2013), deve haver quebra do autoritarismo que professores da pedagogia tradicional possuem para dar espaço às ações conjuntas entre alunos e professores para atuarem de forma criativa e com propósito na busca de ampliação direitos e mudanças sociais, tornando assim a escola um local de transformação social.

Considerações Finais

A Universidade Federal de São Carlos possui uma inegável desigualdade de raça e gênero entre seus professores e pesquisadores com formação inicial em química. No que tange à raça, a desigualdade é ainda mais evidente, pois professores negros não chegam a representar 1% deste corpo docente. No decorrer das últimas décadas, a participação feminina na ciência vem aumentando e políticas públicas como as cotas raciais, de escolaridade e de renda nas Universidades Federais brasileiras têm auxiliado na inserção de pessoas negras no meio acadêmico, mas ainda há um longo caminho a se percorrer para chegarmos na igualdade de gênero e raça. O que deve ser discutido agora é como iremos atingir tal igualdade. As políticas de cotas, por exemplo, trouxeram resultados positivos nos quase dez anos de sua existência, mas seriam elas o suficiente para mudar toda uma estrutura patriarcal e racista presente no ambiente científico e acadêmico?

O racismo e o machismo estiveram presentes desde cedo na vida da professora negra entrevistada, assim como deve ser presente na vida de tantas outras mulheres negras, mas o que deseja-se focar é em como uma educação antirracista, feminista e como prática para liberdade teve um grande impacto em toda sua trajetória.

Há uma manutenção das estruturas hierárquicas que atravessa o espaço educacional, o ensino tradicional molda essa desigualdade que silencia os indivíduos dos grupos marginalizados e fortalece o racismo institucional (hooks, 2013). É necessário questionar essa manutenção, os espaços educacionais devem assumir essa responsabilidade e conduzir práticas educativas com vistas a superação dessas estruturas. Para construção de práticas

pedagógicas na perspectiva intercultural, Candau e Moreira (2008) acreditam que primeiro é necessário atentar-se ao daltonismo cultural presente no cotidiano escolar, onde em muitos casos não se reconhece as diferenças, e assim identificar quais são as representações dos outros: quais são os estereótipos construídos, quem são “nós” e quem são “eles”, qual a visão que se possui do outro? Uma educação antirracista e feminista contribui para tornar a sala de aula um ambiente seguro e democrático, quebra estruturas vigentes e contribui para que a educação seja transformadora e emancipatória.

Referências bibliográficas

CANDAU, V. M; MOREIRA, A. F. **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHASSOT, A. A ciência é masculina? É sim, senhora! **Contexto e Educação**, n. 71/72, p. 9-26, jan/dez 2004.

CUNHA, M. B; PERES, O. M. R.; GIORDAN, M; BERTOLDO, R. R; MARQUES, G. Q; DUNCKE, A. C. As mulheres na ciência: o interesse das estudantes brasileiras pela carreira científica. **Educación química**, v. 25, n. 4, p. 407-417, ago. 2014.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FLECHA, R. G., PUIGVERT, L. M. **Racismo, no gracias - ni moderno ni postmoderno**. Espanha: El Roure Editorial, S.A, 2007.

GONZALEZ, L. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020.. 375 pp

hooks, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática para liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, b. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: 2011.

SANTOS, G; CANUTO, E. A mulher negra na sociedade brasileira. In: IV Congresso Nacional de Educação, 4, 2017, João Pessoa-PB. **Anais do IV Congresso Nacional de Educação**. V. 1, Realize eventos e editora, 2017, p.1-11.

SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS - SEADE. **População 2020**. Disponível em: <https://painel.seade.gov.br/populacao-2020-por-sexo-e-idade/>. Acesso em: 10 set. 2020